

Editorial

Nos textos bíblicos do Antigo Testamento percebe-se que a vocação de líderes como Moisés e Josué, de Juízes como Gedeão e Samuel ou dos Profetas é fruto da livre iniciativa divina, isto é, de sua graça. Eles são escolhidos em vista de uma missão específica, relacionada com o povo eleito: São chamados por Deus para “libertar” o povo ou para falar-lhe em nome do Senhor. O mesmo se diga da vocação dos apóstolos e discípulos no Novo Testamento. De modo semelhante, a eleição de Israel é também fruto da iniciativa gratuita de Deus em vista de uma missão universal: ser instrumento de salvação para todos os povos.

De fato, Deus escolheu Israel, “o menor de todos os povos”, por pura iniciativa de seu amor, para cumprir a promessa feita aos “pais”, libertando-o da escravidão do Egito (Dt 7,7-8). Israel não “conquistou” Canaã por esforço próprio, mas recebeu a terra como dom gratuito de Deus (Dt 9,1-6). A eleição de Israel, porém, tem como objetivo uma missão universal, a salvação de todos os povos. Textos como Is 40–55 e Jonas se caracterizam por uma abertura missionária universal, no gratuito desejo de salvação da parte de Deus. Deus escolhe Israel para que sua salvação “atue até os confins da terra” (Is 49,6). Paulo, a exemplo de Israel, Servo de Javé (Is 49,1-6), também se considera escolhido desde o ventre materno para ser o portador da salvação gratuita de Deus a todos os povos (Gl 1,15-16). Deus, portanto, quer que a graça de sua salvação chegue a todos os povos. Para isso, porém, escolhe livremente um povo e pessoas do meio deste povo, para fazer deles os portadores de sua salvação.

O tema abordado pelo presente número de Estudos Bíblicos, “Graça, Vocação e Missão” é de grande importância nos dias de hoje, quando os cristãos se perguntam sobre sua missão no mundo globalizado em que vivemos, mas com tantas culturas e religiões que oferecem seus caminhos de salvação ou de acesso a Deus. Os articulistas, conscientes da amplitude do tema abordado, em seus estudos, de modo nenhum pretendem esgotar a riqueza da temática “graça, vocação e missão”.

O texto de *Ludovico Garmus* – “Papel de Moisés na libertação do povo: Vocação, graça e missão” – à luz dos textos de Êxodo e Números, mostra como Moisés responde à graça de sua vocação e como executa sua missão de libertador do povo. Percebe-se nos textos um contínuo “diálogo” entre Deus que chama e Moisés que reluta em aceitar o chamado e levar ao termo sua missão. Nos momentos de crise Moisés quer desistir de sua missão, mas é confirmado pela graça divina: “Eu estou contigo”. A vocação exige a fé por parte de quem é chamado. Tão importante como a missão de libertador e organizador do povo é a função de intercessor que Moisés exerce, em favor do povo infiel. A intercessão de Moisés “desperta” a misericórdia de Deus, que perdoa o povo.

Ricardo Lengruber Lobosco trabalha o texto de “Ez 11,14-21 – graça e escatologia”, onde se propõe a “investigar suas possíveis características escatológicas e, por cau-

sa disso, sua mensagem libertadora, repleta de graça”. De fato, neste texto o profeta Ezequiel procura dar uma resposta às angústias e incertezas da comunidade exílica a respeito de seu futuro: Estariam os exilados “longe do Senhor”, cuja presença estaria apenas restrita ao templo de Jerusalém ainda não destruído? Estariam definitivamente excluídos da “herança da terra”, agora nas mãos dos que lá ficaram? Na sua resposta Ezequiel abre as perspectivas da salvação futura para os exilados, iniciativa da graça divina.

Lília Dias Marianno, no artigo “Um triângulo amoroso... ou odioso? Relações de “amor e ódio” entre missão, vocação e graça no livro de Jonas”, constata as incongruências que aparecem entre o comportamento do profeta Jonas e a mensagem que o livro quer passar aos seus leitores. Com razão, diz ela, que o silêncio de Jonas no final do livro – “Eu não deveria ter pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não distinguem entre direita e esquerda, assim como muitos animais?” – ‘é simplesmente *ensurdecedor*’. Em seu estimulante estudo procura ‘enxergar’ melhor a relação de Jonas com sua vocação, com a cidade de Nínive, o alvo de sua missão, e com Javé, o Deus da graça e da misericórdia que deseja perdoar Nínive. Jonas “é um livro que mostra a tentativa do profeta de afastar os povos do amor de Javé”. É uma ‘provocação’ dos intelectuais da época contra as incongruências do sistema exclusivista propagado pelo modelo de monoteísmo, promovido por Esdras e Neemias.

Allan Erdy de Souza no artigo “Diga sim na terra do não: perspectiva da eleição, missão e graça de um Jesus etnocêntrico (Mt 15,21-28 e Mc 7,24-3)”, analisa a perícoppe do difícil diálogo inter-religioso de Jesus com a mulher cananéia. Neste diálogo, a persistência da mulher estrangeira abre os horizontes de um Jesus ainda centrado no seu povo e “possibilita que a missão de salvação se estendesse a todos, mediante a graça divina”.

O estudo de José Luiz Negri, “A solidariedade humano-cristã como manifestação da graça”, escolhe o texto da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) e nos faz perceber no gesto deste samaritano, odiado pelos judeus, “a manifestação da graça divina e o exercício da missão na grandeza de uma solidariedade a serviço da vida”. Na solidariedade dos povos latino-americanos e das comunidades cristãs e no exercício da missão recebida de Cristo é também perceptível a ação libertadora da Graça.

Isidoro Mazzarolo no artigo “Pode existir a graça no sofrimento injusto? – Leitura profético-política de 1Pd 2,18-19” – faz um estudo detalhado do texto escolhido no qual se ocupa da difícil situação dos cristãos da Ásia Menor, vítimas de discriminação, dominação e perseguição. Como experimentar a graça divina numa situação de sofrimento injusto? O sofrimento pode ser graça quando é consciente, quando o amor supera o ódio e quando se vive a bem-aventurança da perseguição (cf. Mt 5,10; 1Pd 3,14 e 4,14).

Muitos outros temas relacionados com a graça, com a vocação e a missão poderiam ser abordados em textos do Antigo e do Novo Testamento, especialmente nas Cartas Paulinas. Esperamos, porém, que os presentes estudos possam estimular novas análises nesta perspectiva.

Ludovico Garmus